

Alemanha promete não atrapalhar negociações

Fritz Utzeri

Bonn/AFP

PARIS — O ministro interino da Economia da Alemanha, Von Wussten, que ontem tomou o café da manhã com o ministro Maílson da Nóbrega, afirmou a seu interlocutor brasileiro que a Alemanha não criará qualquer problema durante as negociações com o Clube de Paris, na próxima semana, mas não assumiu qualquer compromisso em relação à proposta apresentada pelo Brasil, de renegociar cerca de US\$ 5,5 bilhões, principal e juros das dívidas de 87, 88 e 89 — parte que pretende reescalonar dos US\$ 17 bilhões devidos a seus credores oficiais.

Maílson esteve ontem, em Frankfurt e Bonn, com os ministros interinos da Economia e das Finanças e ouviu do presidente da Bundesbank, o banco central alemão, que os alemães consideram perverso que o Brasil se tenha transformado num exportador de capital, uma das queixas que o ministro da Fazenda tem feito a todos os interlocutores. Maílson, falando pelo telefone no final da tarde, de Hamburgo, confirmou que o FMI só liberará a primeira das três parcelas de seu crédito *stand-by* de US\$ 1,5 bilhão se, até setembro, os bancos subscriverem 90% dos US\$ 5,2 bilhões em dinheiro novo que pretendem emprestar ao Brasil. Segundo o ministro, tal cláusula é "normal" e consta de todos os acordos fechados com o Brasil e outros países em condições semelhantes, desde 1982.

— Essa cláusula está clara no comunicado dos bancos e é uma coisa boa, pois permitirá aos bancos coordenadores fazerem pressão sobre os outros — disse Maílson, acrescentando que 85% desses US\$ 5,2 bilhões provém de 114 bancos, confirmado — aproximativamente — as estimativas dos especialistas. Eles consideram que a chamada massa crítica necessária para o fechamento prático de todos os acordos será obtida se houver a adesão dos 150 maiores bancos credores, o que parece garantido.

Explicação — Sobre a depreciação dos recursos do crédito *stand-by*, os quais, devido à valorização do dólar, já teriam caído de US\$ 1,5 bilhão para algo em torno de US\$ 1 bilhão 419 milhões, Maílson explicou que o Fundo não concede empréstimos em moeda, mas em direitos especiais de saque. Como o Brasil tem 1 mil 70 desses direitos, se houver alterações na cesta de moedas em que são convertidos, o total final variará para mais ou menos. "Isso também é normal e até a liberação dos recursos a situação poderá mudar", disse o ministro.

Maílson foi questionado sobre a inflação e, apesar de afirmar que os ale-



Maílson: cláusula é boa

mães não fizeram muitas perguntas políticas, houve quem se mostrasse interessado no desenvolvimento dos trabalhos da Constituinte. Segundo o ministro, as questões políticas foram mais importantes em Londres, onde os membros do governo e banqueiros mostraram alguma preocupação com a estabilidade e a credibilidade do governo para impor a negociação. "Na Alemanha não levantaram esse problema, mas deixaram claro que é difícil para eles entender como pode haver estabilidade num país onde a inflação é em torno de 20% ao mês. Na Alemanha a economia não pode ser indevida desde 1948, por dispositivo legal." Os alemães disseram ao ministro que o grande objetivo bem-sucedido de seu país é a estabilização dos preços.

Divulgação — Em Paris, o presidente do Credit Lyonnais, um dos maiores credores do Brasil e membro do comitê de bancos, Jean-Maxime Lévéque, afirmou ao jornal *Tribune de L'Expansion* que considera "inovador" o acordo entre o Brasil e os bancos, oferecendo fórmulas numerosas e suaves, notadamente em matéria de financiamentos a médio prazo, para operações comerciais e conversão de dívidas em investimentos. O presidente do Credit Lyonnais exortou os bancos a utilizarem ao máximo as possibilidades oferecidas pelo acordo, afirmando que o Brasil "é um dos maiores mercados do mundo e um país que nenhuma multinacional poderá negligenciar".

Os grandes jornais franceses, do *Figaro* ao *Le Monde*, abriram espaço para a visita de Maílson, destacando o tom otimista de sua viagem e a normalização das relações entre o Brasil e os credores.